

Onde o espaço é o tempo

Uma câmera flutuante sobre os eixos iluminados busca as formas de Brasília: céu e luz. A voz em *off* também parece flutuar: “Brasília é o lugar onde o espaço mais se parece com o tempo”.

A imagem é de Clarice Lispector (*Brasília*, 1974). A câmera, do jornalista Sérgio Bazzi, que em 1986 realizou o curta-metragem *Brasiliários* para revelar, inspirado nos textos da escritora, uma Brasília que “é sempre céu”.

A “estrela espatifada” de Clarice é a cidade dos sonhos desse anapolino de 38 anos, que veio em 1958 e não se imagina vivendo “em nenhuma outra cidade do mundo”.

É também a paixão adolescente e madura de outra anapolina, a funcionária pública aposentada Lilia Fernandes Innecco, 50, que viu Brasília nascer depois do primeiro baile de debutantes da nova capital, em 1959.

Lua — “Aqui a gente vê a lua sossegada”, propaga. Estudante de artes plásticas, Lilia pintou, na semana passada, o Palácio da Alvorada. “As formas e o céu de Brasília

ainda me enternecem”, confessa, 36 anos depois do primeiro encontro.

“A generosidade do espaço urbano” também é o melhor de Brasília para o fotógrafo carioca Luís Humberto Pereira, 60, integrante da primeira leva de professores da UnB, em 1961. “A cidade cria uma nova escala na relação homem-espaço”, acredita.

Autor de um trabalho sobre as nuvens no céu da cidade, ele já foi mais apaixonado por Brasília, antes da “era do automóvel, essa tonelada que carrega 60 quilos”.

Mas Agatha Guerra, 36 anos, funcionária da UnB e ex-jogadora da Seleção Brasiliense de Basquete, segue fiel a sua paixão.

Nascida em Governador Valadares (MG) por um “erro geográfico” e convicta de que aqui “nem o mar faz falta”, Agatha sintetiza a amplidão que é a marca registrada da cidade: “Em Brasília a gente sente o infinito o tempo todo”.

E vai mais longe: “Quem duvida de que a Terra é redonda tem que vir aqui”.